

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN  
CURSO DE BACHARELADO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

MICHEL LEANDRO MARTINS

A PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM:  
O HOMEM QUE NÃO TINHA FACEBOOK  
E A SEMELHANÇA COM O CINEMA DE BORDA

JUIZ DE FORA

2019

MICHEL LEANDRO MARTINS

A PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM:  
O HOMEM QUE NÃO TINHA FACEBOOK  
E A SEMELHANÇA COM O CINEMA DE BORDA

Monografia apresentada à Universidade Federal de Juiz de  
Fora como requisito para obtenção do título do Grau de  
Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio José Puccini Soares

JUIZ DE FORA

2019



## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente, minha mãe Evanilda Messias Martins, por sempre me incentivar nas minhas escolhas e me fazer buscar um ensino superior e a nunca desistir dos meus sonhos. Ao meu pai, João Batista Martins, por sempre me ensinar a trabalhar e poder aprender sobre seu ofício na área da construção civil. Em especial, gostaria de agradecer ao meu irmão, Jean Marcelo Martins, por ser sempre meu melhor amigo e companheiro de aventuras.

Grato a experiência de estudar em uma universidade pública, de sair da casa de meus pais, de poder absorver tanto conhecimento e conhecer pessoas e lugares, para mim foi única e de extrema importância para minha formação pessoal e profissional. Juiz de Fora foi uma cidade que me acolheu e principalmente a universidade, onde pude ter contato com um mundo cheio de possibilidades e que levarei para o resto de minha vida.

Aos professores Sérgio Puccini, Luís Alberto Rocha Melo, Alessandra Melett Brum, Karla Holanda, Carlos Reyna, Christian Pelegrini, Luís Dourado e tantos outros que me proporcionaram momentos maravilhosos de aprendizado e descobertas. Agradeço também a todos os funcionários da universidade.

Sem esquecer dos meus amigos de batalhas, de conversas filosóficas, de cinema de guerrilha, amigos que me ensinaram tanto durante a minha breve estadia na universidade. Amigos que levarei para o resto da vida, como Thiago Lopes, Daniel Madão, Jean Muller, Julia Aranha, Leandro Fialho, Mariana Mendes, entre muitos outros amigos de vivência nos tempos que morei no bairro São Pedro.

Agradeço novamente a universidade por me proporcionar suporte para minha evolução como estudante, em relação aos congressos, palestras, movimento estudantil entre outros. Muito obrigado!

*Para Evanilda e Livia*

RESUMO

Este trabalho é um relato sobre todo o processo de execução do curta-metragem O HOMEM QUE NÃO TINHA FACEBOK, feito na cidade de Poços de Caldas-MG. O filme foi escrito, produzido e dirigido por mim, feito de forma independente com poucos recursos e contou com a participação de uma equipe amadora, exceto os profissionais do áudio.

Durante a construção da obra, observei a semelhança com o Cinema de Borda, característica de um tipo de cinema feito as margens por pessoas autodidatas e que acolhe um público regional e fiel nas produções.

Palavras chave: curta-metragem, produção independente, cinema de bordas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01.....	14
FIGURA 02.....	17
FIGURA 03.....	18
FIGURA 04.....	19
FIGURA 05.....	20
FIGURA 06.....	44

## Sumário

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	UM BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS JUIZFORANA.....	9
3.	O HOMEM QUE NÃO TINHA FACEBOOK REALIZAÇÃO.....	12
1.	Concepção do Roteiro.....	12
2.	Referências Cinematográficas.....	13
3.	O Roteiro.....	14
4.	PRÉ PRODUÇÃO.....	17
5.	PRODUÇÃO.....	19
1.	Cenas .....	20
5.1.a.	A casa de aposta.....	20
5.1.b.	A cena do bar.....	21
5.1.c.	Cenas externas.....	21
5.2.	Direção/fotografia.....	22
5.3.	Orçamento.....	22
6.	PÓS PRODUÇÃO.....	23
6.1.	Edição.....	23
7.	A APROXIMAÇÃO DO FILME COM AS CARACTERISTICAS DO CINEMA DE BORDA.....	23
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
9 –	REFERENCIAS.....	26
10 –	ANEXOS.....	27
10.1 –	Roteiro Literário.....	28



## 1- INTRODUÇÃO

Durante o curso de cinema na faculdade, amadureci a ideia de realizar um trabalho envolvendo a comunidade de onde vim. Essa ideia aqui mostrada, foi crescendo com as pessoas com quem convivo, uma mistura de prazer, obrigação e determinação.

Sempre tive uma tendência para o universo artístico. Quando criança estudei saxofone e desenho no Conservatório de minha cidade, na adolescência fui influenciado pelo hip hop e logo comecei a fazer graffiti. Atualmente tenho um estúdio de gravação, no sentido de aprimorar a essência artística em que já caminhava, assim como ressignificar as minhas experiências.

Minha primeira aquisição foi uma câmera digital Samsung, onde eram realizadas filmagens, fotografias de pequenas apresentações musicais e fatos do cotidiano, o que me levou a fazer as edições no programa Movie Maker, um programa de edição do Windows, com ferramentas bem simples, onde me incentivou a querer estudar mais sobre audiovisual.

Criei uma obra de ficção com a colaboração de amigos de infância e familiares, desenvolvendo todas as etapas aprendidas no curso, através da realização de uma obra cinematográfica. Apresento aqui o curta-metragem *“O homem que não tinha facebook”*, a história de um cowboy que vai para a cidade grande em busca de fama e poder, onde durante esse trajeto se vê frente a desafios e confusões. É importante ressaltar que este trabalho foi filmado na cidade de Poços de Caldas (MG) com pouca estrutura, baixo orçamento e não atores.

No segundo capítulo conto uma breve trajetória de minha atuação em filmes juizforano, realizados por amigos de curso, destacando as áreas que atuei e nesse ínterim mostrando a minha aproximação e interesse pela área do som direto.

No capítulo terceiro, decorro sobre a elaboração do roteiro, inspirações, referências e pontos que motivaram sua realização. A criação dos personagens da história com marcas individuais foi muito importante para que trouxesse a realidade de forma mais legítima à proposta.

No quarto, quinto e sexto capítulo falo sobre a pré-produção, produção e pós produção. A necessidade de uma boa decupagem de cena na escolha das locações, do elenco, da equipe técnica e do equipamento exigiu muito empenho, visto que, realizei todas as funções.

Por último apresento o capítulo que fala sobre a aproximação do meu trabalho com um tipo de cinema alternativo feito por pessoas autodidatas em pequenas comunidades do Brasil, o chamado *“Cinema de Bordas”*. A princípio não tinha como objetivo produzir este estilo, mas durante a produção desenvolvi traços desse movimento que está em crescimento no país.

2. Um breve relato de experiências cinematográficas Juizforana.

Ao adentrar no mundo acadêmico com toda a vontade, curiosidade e expectativas num curso de cinema, percebi-me frente a um universo repleto de desafios e com as novas amizades e interesses comuns, acabei trabalhando em produções autorais.

Analisando todas as áreas em que atuei pude aprender e, paralelamente com as aulas, enriquecer minha bagagem, a produção audiovisual e o que a envolvia. Certamente, roteiro e som foram os que mais me chamaram atenção.

ReLoading (2014) de Caio Vieira, foi minha primeira experiência concreta num cenário de gravações, filmagens, figurinos e cenários. Com todos os papéis definidos entre eles a equipe completa de um processo de filmagem.

Como primeira empreitada a matéria de produção audiovisual do curso de cinema em andamento, foi este meu primeiro desafio. Tarefas dadas, minha função era relatar de forma honesta e o mais real possível a produção das diárias de filmagens, também parte técnica de observar horários, locação, direitos de imagens, orçamento, figurinos, entre outras.

Nesse filme tive meu primeiro contato com o som direto, que selou meu interesse por produções audiovisuais. Depois desse, vieram mais nove filmes, dos quais relato apenas alguns.

*Dentadura Postiça* (2016) roteiro e direção Thiago Lopes, co-direção de Daniel Moraes e produção de Julia Aranha, que contou com a ajuda de profissionais e alunos do curso de Cinema e Audiovisual da UFJF.

O curta-metragem conta a história de quatro amigos que querem gravar um disco alternativo, sem os padrões e regras impostos pela gravadora e sociedade da época. Baseada numa passagem de vida de Raul Seixas, a história conta quando o cantor deixou de ser produtor e passou a ser cantor.

*Dentadura Postiça* foi a música do primeiro álbum solo de Raul Seixas, concebido na época da ditadura militar, que nas canções e letras burlavam o sistema da censura.

Minha participação nesse curta-metragem foi como logger e claquete.

Definindo o papel de um logger como um termo utilizado para designar um profissional que fica responsável pelos arquivos produzidos na filmagem, este termo surgiu no Brasil nos meados do ano de 2004. Sua responsabilidade é muito grande, a atuação de um logger começa bem antes das filmagens, desde a interação dos locais de filmagens, o acompanhamento de todo o processo, verificação do estoque de cartões para abastecimento das câmeras, anotações e relatórios de ocorrências na logagem.

Após as filmagens, minha tarefa foi separar o material em data, hora, local e cenas, tudo bem organizado para facilitar o trabalho do editor.

A claquete, geralmente é a função de um assistente de direção e serve para informar o plano, a cena e o take gravado. Nela vem anotado o nome do filme, o nome do diretor, número da cena, a locação juntamente com outras informações. Ela informa tudo o que se faz necessário para saber sobre um plano de filmagem dentro dos milhares que forem gravados num filme de longa-metragem, ajudando e facilitando o editor na pós-produção.

*Hoje é domingo e tem tantas estrelas por aí* (2016) filme de Thiago Lopes, conta a história de um escritor que recebe uma visita inusitada em sua casa num dia de domingo, fazendo referência ao filme *Dentadura Postiça*, cria-se um diálogo entre os dois.

Gravado em apenas um dia, com baixo orçamento, o filme participou do festival *Primeiro Plano* em 2016 em Juiz de Fora, ganhando um prêmio de menção honrosa naquele ano.

Para definir o que seria hoje minha afinidade, este filme me proporcionou a experiência de trabalhar com o som direto, trazendo assim, o que seria a partir de então minha linha de atuação.

Minha tarefa como técnico de som direto era captar o som do filme, buscando soluções adequadas para a captação independente das circunstâncias, sempre com o objetivo de um som limpo, transparente, com seus relatórios e manuseio dos equipamentos de forma correta.

A partir da experiência de trabalho com o som direto, minhas atuações em todas as produções, foram justamente com o que eu mais me identifiquei, o som direto.

Minha maior experiência com o som direto foi trabalhar no longa-metragem *Imo*, (2017) direção e roteiro de Bruna Schelb Correa.

O filme conta a história de três mulheres e suas lembranças em antigos relacionamentos. Gravado em uma fazenda na cidade de Matias Barbosa, MG, contou com uma equipe de quinze pessoas, com toda uma infraestrutura organizada.

O interessante e enriquecedor para minha experiência foi observar que nesse filme não havia diálogos, os sons captados vinham da natureza, ruídos de insetos, folhas ao vento, árvores, Foley, que são ruídos adquiridos de outras maneiras que necessariamente não fazem parte da cena e são inseridos na pós-produção. O som de Foley dá mais realismo a cena, onde também pode ser chamado de sonoplastia.

Com este trabalho pude explorar o lado criativo do som direto, abrindo um leque de perspectivas enquanto que, em outras produções, captava apenas diálogos de maneira limpa e audível. Nesse trabalho pude explorar o universo do som. Nele criei um banco de dados com exemplos de ruído de animais, ventos, água, cigarras caminhando sobre folhas secas, etc.

*Imo* (2017) foi um grande sucesso no meio acadêmico, participando de vários festivais, destacando a sua exibição na *XXI Mostra de Tiradentes*.

O último filme aqui relatado, foi com uma equipe mais inexperiente, onde pude trocar experiências, ensinar e aprender, a reciprocidade foi imediata levando a uma interação muito produtiva.

*Antônio das Almas* (2018) direção e roteiro de Eric Moreira, foi um filme selecionado para o festival *Primeiro Plano* de 2019, conta a história de dois homens que conversam sobre uma terceira pessoa que se exilou da sociedade.

O filme foi gravado em Chapéu Duvas, distrito de Juiz de Fora, MG, numa locação de difícil acesso, onde toda a produção envolvida encontrou dificuldade na locomoção dos equipamentos. O trabalho em equipe foi um diferencial neste momento, pois apesar das

dificuldades, houve muita disposição da equipe, levando a um resultado satisfatório e enriquecedor.

Também não posso deixar de relatar uma participação em um documentário produzido só por mulheres, onde toda a equipe era composta por mulheres e a única figura masculina era a minha, como técnico de som direto. *Las Manas* (2017), um documentário de Carol Ribeiro e Giovana, que mostra um grupo de meninas atuantes no cenário hip hop Juizforano em diferentes áreas artísticas, dança, música e grafite.

Sem mais delongas, apenas citarei alguns outros trabalhos onde tive uma participação ativa, *Não me sinto mais sozinho* (2018) de Ivan Santaella, *Se fosse assim, será que seria?* (2017), Luísa Reis e *Parcialmente Nublado* (2017) de Ariel Andrade e Ivan Santaella.

A maioria dos trabalhos que realizei foi com os equipamentos do estúdio Almeida Fleming, do instituto de Artes e Designer da UFJF, onde no ano de 2017, contei com uma bolsa de estudo como técnico de som direto, com a ajuda do funcionário Eduardo Malvacini, com quem aprendi todo o funcionamento dos equipamentos e pude assim, auxiliar os estudantes em muitos trabalhos acadêmicos, monitoria e assistência técnica.

## 1. O homem que não tinha Facebook - realização

### 3. 1 – A concepção do roteiro.

Venho de uma cidade turística, localizada no sul de Minas Gerais. Poços de Caldas, onde nasci e cresci, é a maior cidade do sul de Minas, cidade das montanhas, das rosas, cenário de muitas novelas televisivas. O objetivo de gravar um filme com os moradores do bairro já era antiga. Então, motivado pelos amigos que, muitas vezes, solicitaram-me por estar estudando cinema em uma universidade, e através dos meus aprendizados ter a possibilidade de dar voz a nossa realidade, a ideia foi sendo amadurecida nos períodos de recesso e férias que voltava para Poços de Caldas.

A escolha do gênero faroeste, veio ao perceber que um grande amigo de infância, Saulo Botelho, se tornou um cowboy urbano, que tem costumes de peão, como trajes, chapéu, bota, cinto com fivela e tem um cavalo, ainda que more na zona urbana. Seu jeito extrovertido, natural, debochado e engraçado lhe garantia características de um personagem real para o que eu buscava. O papel lhe caía muito bem, seria um western cômico, com traços bem mineiros, num universo diegético com costumes da nossa região.

No decorrer do curso de Cinema e Audiovisual, sobre os gêneros cinematográficos e o cinema mundial, o filme que mais me chamou a atenção foi *Cidade de Deus* (2001) direção de Fernando Meirelles, baseado no romance de Paulo Lins. A estética abordada, num filme que se passa no final da década de 60, traz uma mistura de neorealismo italiano e o western

americano, o filme tem como cenário o bairro Cidade de Deus, um conjunto habitacional de periferia, afastado do grande centro que logo ao ser construído recebe pessoas de todos os lugares, onde surgem vários conflitos entre os moradores e principalmente com a polícia, que no contexto deste filme, oprimia a população a serviço do Estado.

Três rapazes, moradores do bairro, ao assaltar um caminhão de gás cobrindo seus rostos com lençóis e apontando uma arma de forma coreografada, saqueiam o caminhão, distribuindo o fruto do roubo para as pessoas moradoras do bairro, numa espécie de Robin Hood da periferia. Vi nessa cena uma mostra típica de faroeste à moda brasileira.

Baseado no texto de Bordwell, a construção do personagem do Saulo é alguém que vem de fora, com um objetivo de conquistar poder e dinheiro.

“O filme hollywoodiano clássico apresenta indivíduos definidos, empenhados em resolver um problema evidente ou atingir objetivos específicos. Nessa sua busca, os personagens entram em conflito com outros personagens ou com circunstâncias externas. A história finaliza com uma vitória ou derrota decisiva, a resolução do problema e a clara consecução ou não consecução dos objetivos. O principal agente causal é, portanto, o personagem, um indivíduo distinto dotado de um conjunto evidente e consistente de traços, qualidades e comportamentos. Embora o cinema tenha herdado muitas das convenções de caracterização do teatro e da literatura, os tipos de personagens do melodrama e da ficção popular são compostos por motivos, traços e maneirismos únicos.”

(BORDWELL, 2005, pp. 278 -279)

Embora parecendo um cowboy, o papel de Saulo está mais para um caipira, chucro, matuto, um imigrante tentando usar a malandragem para sobreviver. A ideia do personagem ser um apostador, de fato foi inspirado pelo próprio Saulo, que é um rapaz de apostas, principalmente quando está em uma mesa de bar.

Decidi que o Personagem não teria nome, fazendo referência aos filmes de Sergio Leone, *Trilogia dos Dólares* também conhecido como *A Trilogia do Homem Sem Nome*. Estrelado por Clint Eastwood que são eles: *Por um punhado de Dólares* (1964), *Por uns Dólares a Mais* (1965) e *Três homens em conflito* (1966) — listados entre os melhores filmes de western dos últimos tempos. Que estabeleceu o gênero Western Spaghetti.

No curta metragem ele não tem nome, então cada pessoa o chama de um jeito, uns de cowboy outros de caipira.

### 3.2. Referências cinematográficas.

Na tentativa de fazer humor num filme de faroeste, busquei referências em algumas produções nacionais que diríamos usar de um humor escrachado, como *Hermes e Renato* em programas da MTV e *Um pistoleiro chamado Papaco* (1986). Em outras produções internacionais, busquei referências no filme *O Mestre Invencível* (1987) com Jack Chan e também no longa-metragem *Sin City* (2005) de Robert Rodriguez e Frank Miller.

### 3.3. O roteiro – trama, cenário, gênero e personagens.

Ao escrever o roteiro, queria deixar em destaques muitas referências, tanto no gênero do filme, quanto na estética. Em sua elaboração houve influência do cotidiano vivido na cidade de Poços de Caldas e das aulas de roteiro estudadas na faculdade.

A princípio defini que o filme traria um toque de humor, ação e uma mensagem social de forma metafórica, mas observei que não obtive muito sucesso nesse quesito.

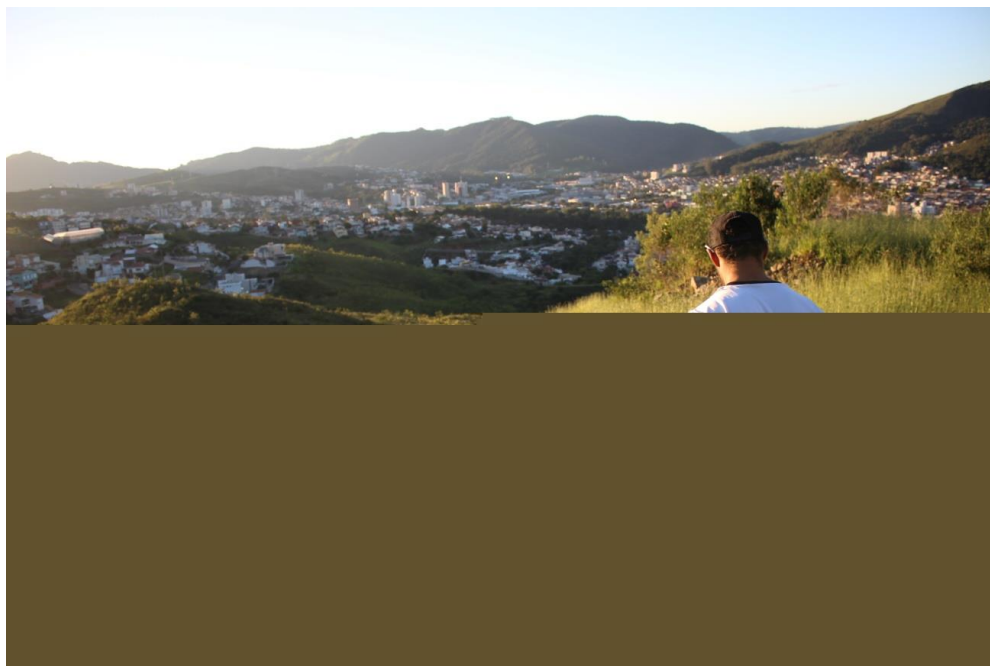


FIGURA.1 – acervo pessoal.

#### 3.3.a. A trama.

O filme conta a história de um sujeito com características de cowboy, caipira e peão que chega a uma cidade, até então, desconhecida por ele. Na busca de uma vida melhor, como um forasteiro-imigrante, ele não é bem recepcionado, pois se trata de uma cidade violenta. Ao

conhecer uma cigana, no qual lhe oferece ajuda, as coisas passam a melhorar, mas por pouco tempo.

### 3.3.b.O cenário.

Na busca pela construção diegética da história, no seu espaço-tempo, desde o princípio, quis fazer referências à minha cidade, Poços de Caldas, que está situada no sul de Minas Gerais, conhecida nacionalmente por se encontrar na cratera de um vulcão, que a qualquer momento pode entrar em erupção na concepção de algumas pessoas, ainda que comprovado pela ciência como um vulcão dormente.

Uma cidade localizada na divisa com o estado de São Paulo, que surgiu após movimentos de rochas vulcânicas, sendo considerada turística desde a sua fundação por possuir várias fontes termais e sulfurosas. No passado, abrigou vários cassinos e foi importante polo de disseminação da cultura, recebeu figuras ilustres nos seus tempos áureos, vindo a ser hoje toda cercada de muito verde, montanhas e água. É considerada um local de descanso e passeios naturais, mais procurado por casais em lua de mel e idosos.

A expressão “Vulcão City” foi criada por mim, no ano de 2010, como um apelido para a cidade para ser usado em letras de rap das quais eu compunha. A gíria pegou popularidade e hoje é usada pela juventude no cenário Hip Hop. Decidi colocar o nome para poder unir esses dois universos.

Outra gíria bastante popular na cidade é sobre o nome fantasia dado a cidade vizinha por muitos poços-caldense, Cabo Verde (MG), corriqueiramente chamada de “Green Cable”, que aparece no início do filme dando ênfase a esta conotação dada pelos moradores.

Neste cenário, não é divulgado em que ano se passa a trama, apenas o nome da cidade: “Vulcão City”, onde aparece essa mistura de personagens que envolvem vários gêneros cinematográficos, tanto na aparência quanto na estética dos lugares, baseado nos filmes “*Sin City*”, 2005, Frank Miller e Robert Rodriguez.

### 3.3.c. Os gêneros.

O filme foi definido inicialmente como faroeste brasileiro, com pitadas de humor e uma mensagem de denuncia social através de metáforas.

### 3.3.d. Os Personagens.

Ao chegar em “Vulcão City”, o cowboy encontra aceitação e hostilidade, de acordo com as pessoas que se relaciona, tendo o seu primeiro contato em um bar ao chegar à cidade.

Essa passagem faz referência a questão de imigrantes que partem em busca de melhores condições de vida e não são aceitos em certos lugares. Pessoas que não despertam empatia no outro. Há uma semelhança ao filme *Estômago* (2008) dirigido por Marcos Jorge.

O fato de o cowboy estar sempre bebendo e fumando, foi sugestão do ator, trazendo semelhança a sua personalidade, já que frequentemente faz uso destes entorpecentes.

Tais vícios lhe garantem uma ilusória autoconfiança, fenômeno evidenciado em cenas como a que o ator afirma: *“quem bebe pinga não é homem, é super homem”*.

Mas ainda não sabemos o que o personagem do cowboy é, quem é ele, o que ele sabe, ao longo do filme vamos percebendo uma personalidade sendo revelada.

O Violero, primeiro personagem que aparece na cena do bar, toca uma música, dando um clima de suspense ao chegar o cowboy. Um homem velho, desconfiado, que toca um violão, no canto isolado do bar, onde não chama a atenção dos demais. A ideia para esse personagem, seria de alguém místico, assim como o cowboy, que através da música, prevê o que irá acontecer. Esse personagem mais tarde irá aparecer na sequência do filme em cenas de transição.

A figura da Cigana vem de encontro a simbologia de mãe, que protege, que salva e orienta. Ao amparar o personagem cowboy depois de levar uma surra e após ficar estendido no chão, lhe dá conselhos, alimenta, o abriga e depois o apresenta ao seu irmão. Essa personagem foi escolhida no papel de uma cigana, pois a comunidade representa um povo livre, boêmio e de apostador.

O Cigano, personagem que aparece tocando sanfona é o líder dos ciganos. A princípio será resistente ao cowboy, relatando-lhe os perigos e desafios do lugar, ele o orienta a deixar a cidade, mas por insistência do cowboy, o Cigano acaba cedendo e o leva a uma casa de apostas.

Os Ninjas foram personagens estrategicamente colocados no filme pelo fato dos atores serem dançarinos de street dance, movimento cultural de grande expressividade em Poços de Caldas. Baseado em filmes de artes marciais, a cena e os personagens apresentam-se com certas habilidades de luta e manejo do corpo, a escolha foi um sucesso. E por último os vilões inspirados em uma antiga gangue da cidade de Poços de Caldas chamada *Os Mais Farsos*, que tinham um estilo próprio de vestir, falar e agir. Neste contexto, são temidos porque são os vilões que espalham o medo e violência na população. Estes personagens vilões entrarão em conflito com o restante dos personagens, no ambiente da casa de apostas, declarando uma guerra que estava há tempos para acontecer.

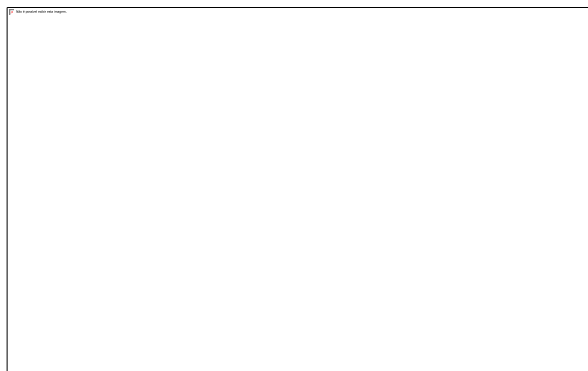




FIGURA 2 – Still “ O homem que não tinha Facebook”

#### 4.Pré-produção

Seguindo a dinâmica habitual de se produzir um filme com o roteiro em mãos, a pré-produção é a etapa em que se define a escolha do elenco, do cenário, locações, diárias, gastos e todo o cronograma para sua realização.

A escolha do elenco se deu através de convites feitos a pessoas que se assemelhavam aos personagens definidos. A participação foi de forma colaborativa e amigável, não houve renumeração alguma. O curta não contou com nenhum ator profissional, a maioria nunca teve contato com uma produção cinematográfica, além de espectador. A preparação de elenco foi inexistente contando apenas com breves reuniões em conjunto e individuais.

As locações foram escolhidas ao redor do meu bairro e na parte central da cidade de acordo com a demanda das cenas. As cenas externas de paisagem foram filmadas em um loteamento recém construído — cenário que inspirou o filme desde o início. Sem contar com nenhum apoio financeiro, o filme foi realizado a partir de colaborações, tanto na composição do cenário quanto do figurino, partindo dos atores que se propuseram a ajudar.

Com equipamento próprio de filmagem, em específico a ajuda de Lucas Valinho que cedeu o equipamento do som direto, gravador, microfone e vara de boom, também contei com a ajuda de Franciele Tarabolle para a maquiagem do violeiro na cena do bar.

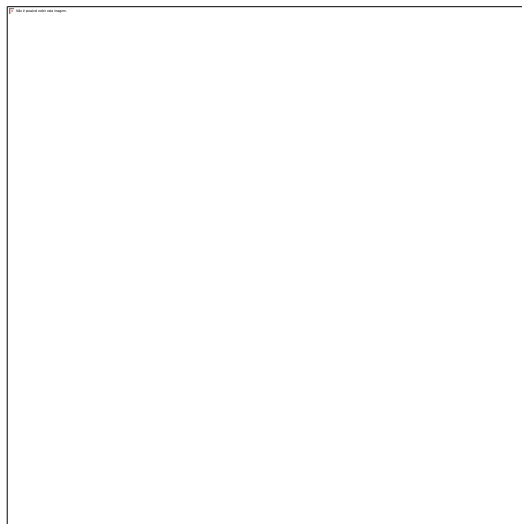


Figura 3 – Acervo pessoal.

A elaboração de um toryboard definiu melhor os enquadramentos dos planos.

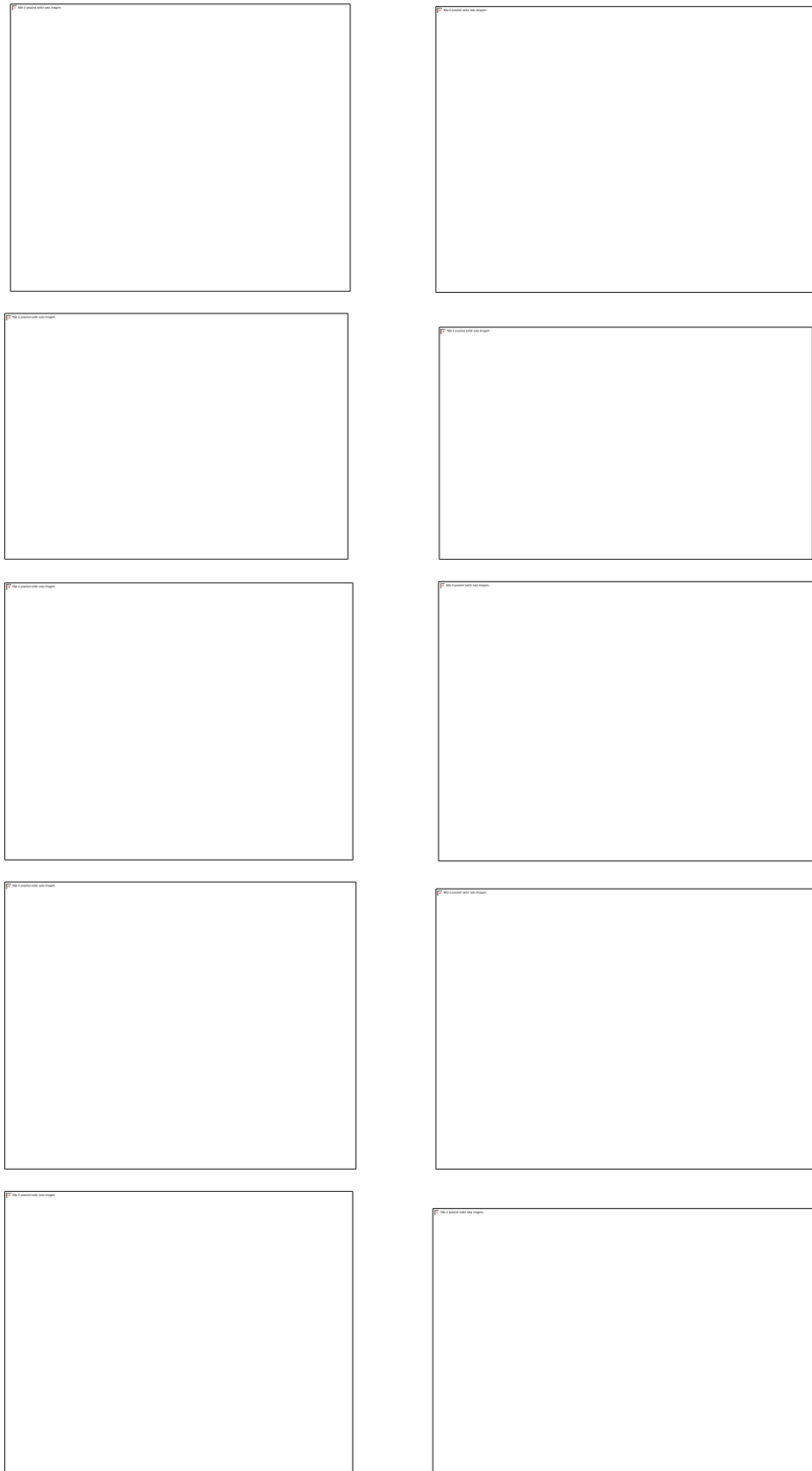


Figura 4. Storyboard e comparação com o Still do “ O homem que não tinha facebook”

## 2. Produção.

A experiência de gravar esse filme foi dada como caótica, pelo fato de ter que atuar em várias frentes de trabalho; produzir, filmar, dirigir. Diversas funções em meio a uma equipe sem experiência, mas com disposição, numa missão quase impossível, envolvido com pessoas falando ao mesmo tempo e tarefas acumulando. Nesta perspectiva que a tentativa de se seguir o roteiro do filme foi se desenrolando.

Em um primeiro momento foi feito um plano de filmagem, com dias e horários de cada cena, mas no decorrer do período, com imprevistos e dificuldades encontradas, foi inevitável abortar, fazendo então um trabalho flexível de acordo com a disposição da equipe.

As filmagens não foram gravadas em ritmo contínuo, tanto pela indisponibilidade dos atores, quanto pela falta de recursos, sendo assim, foram gravadas cenas ao longo de abril a junho de 2019.

No primeiro dia de gravação em um campo aberto, aparece o acampamento cigano, essa locação se encontra em um bairro próximo a moradia dos atores.

Para a preparação do local, foi necessária a limpeza de um curral abandonado, sem energia elétrica, onde usamos lanternas de celular e velas como iluminação, o que deu um ar de mistério na cena. O cenário contou também com objetos de decoração de um antiquário da cidade, cujo proprietário teve participação no elenco.

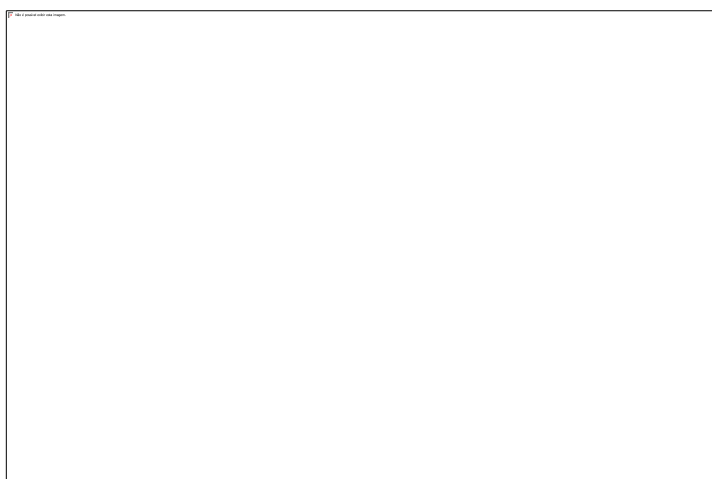


Figura 5. Still – acampamento do cigano.

### 5.1. As Cenas

### 5.1.a A Casa de Apostas

A cena foi gravada em um estúdio de tatuagens num antigo casarão no centro da cidade, que possuía uma mesa de bilhar.

Nessa cena a equipe de atores era maior, contando com o Cowboy, o Cigano, a Japonesa, os Ninjas e Os Mais Farsos. A princípio, a ideia era de um lugar com maior fluxo de pessoas, mas devido a dificuldade de encontrar figurantes, não foi possível corresponder a este cenário.

Seguindo o roteiro, o cowboy teria que debochar de todos ali e lhes desafiar. O diálogo foi improvisado entre o personagem que desafiou o cowboy, apresentando um resultado satisfatório, pois o ator convidado de última hora correspondeu muito bem ao personagem idealizado ao provocar o protagonista.

A cena de luta dos ninjas foi elaborada pelos atores, que a trouxeram até mim e eu acatei, sendo a cena mais difícil de ser realizada, considerando o sincronismo de ações, sendo assim, gravadas em vários takes. Ao editar, notou-se que era necessário cenas, para dar um tempo extra, atendendo ao clímax da ação.

Um dos problemas notados, foi a agitação dos atores ninjas, empolgados com sua performance, atrapalhavam os outros planos, como no caso das cenas na mesa de poker.

### 5.1.b. A cena do Bar

A cena do bar pode ser considerada uma das mais difíceis de fazer, porque as pessoas que participavam estavam eufóricas, além disso, a locação foi em uma movimentada avenida da cidade, atrapalhando a concepção sonora.

O fato de ter escolhido esse bar, foi por ele trazer as características de um boteco, os chamados “copos sujos”, que manteve seu funcionamento normal, possibilitando retratar os seus frequentadores que fizeram parte da figuração da cena.

A dificuldade encontrada nessa cena foi sincronizar a ação dos atores frente aos movimentos de cada um, na tentativa de um plano de sequência.

O proprietário atuou fazendo o papel dele mesmo, a gentileza de ceder o seu estabelecimento e a amorosidade em estar disposto a repetir várias vezes a mesma cena, o fez sentir importante e reconhecido.

### 5.1.c. Cena externas de transição

As cenas de transição foram gravadas em um loteamento próximo ao meu bairro, que mostra uma paisagem de montanhas e terra batida, o que estimulou a ambiência de faroeste. Apenas o ator principal e o cinegrafista, atuaram nesse momento, buscou-se planos abertos, alguns closes para dar uma atmosfera de mistério de início exigido no momento.

Outra cena de transição foi a que o cowboy e a cigana caminham para o acampamento, tendo como cenário o edifício das Termas Antônio Carlos e uma escadaria de um bairro periférico, dando uma noção de distância para se chegar de um lugar ao outro, no caso o acampamento do cigano.

## 5.2. Direção/fotografia

Na falta de um diretor de fotografia, houve a necessidade de dirigir e filmar em sintonia com várias funções.

Usando a lente 18-55mm e a 50mm, em uma câmera canon T3I, um tripé, e um stedycan, sem nenhum equipamento de iluminação, encontramos dificuldade em filmar em ambientes internos, tendo que aumentar o iso, comprometendo a qualidade das imagens na falta de refletores. Foi feito uso, na maioria das vezes, da câmera na mão, dando um ar subjetivo nas cenas.

Sem nenhuma assistência, orientando os atores de acordo com o roteiro e dando liberdade para o improviso dos mesmos — foi durante o processo em constante avaliação do que funcionava ou não que se buscou a fidelidade das ações principais pretendidas, mas, deixando alguns diálogos em aberto para enriquecer a cena.

Dentre os atores principais, o ator Saulo Botelho teve uma participação ativa na construção do personagem do cowboy, adicionando as partes de humor e opinando no roteiro.

O personagem do cigano, contou com a atuação de João Passador, que também colaborou trazendo referências próprias. Em alguns momentos se distraia, mostrando dificuldade de concentração, nesse caso houve um cuidado maior para que não houvesse fuga do personagem, e por várias vezes ensaiamos a cena antes da gravação, algo que não aconteceu no decorrer das outras cenas.

Como primeiro projeto de atuação na direção, senti-me seguro desempenhando todas as funções, porém, a comunicação com a equipe necessita de melhorias, visto que, não consegui instantaneamente os resultados pretendidos. Assim como a consonância da disponibilidade dos envolvidos e a interação destes durante as filmagens.

No clima do set, na maioria das vezes prevaleceu um ar confortável, de amizade, colaboração e bom humor. Em alguns momentos foi necessário fazer algumas pausas para acalmar e delegar funções aos colaboradores pelo fato de eu me sentir sobrecarregado para resolver todos os problemas.

## 5.3. Orçamento

Não obtendo êxito na busca de patrocinadores, toda a produção foi sustentada por mim — considerando gastos com gasolina, lanche, bebidas que aparecem nas cenas e cigarros de palha — num total de quinhentos e cinquenta reais, além de outros itens que não foram contabilizados. Não existindo aluguel de locações, figurino e equipamentos de filmagem, o orçamento gasto ficou dentro das minhas expectativas. Contei também com um equipamento de som cedido por Lucas Valinhos, técnico de som direto, que trabalhou em um dos dias de gravação.

## 1. Pós - Produção

### 6.1. Edição

Com o material bruto armazenado em um HD externo, parti para Juiz de Fora para editar, pois gostaria de contar com a ajuda experiente de meu amigo Daniel Morais, ex-aluno da UFJF, profissional na área.

Contando com a minha experiência como claquete e logger, levei todo o arquivo separado e nomeado, para facilitar o trabalho do editor, que não estava cobrando pelo trabalho.

Usando o programa Adobe Premiere, assistimos todo o material com o roteiro em mãos, para melhor organização e, assim, dividimos o filme em atos. Foram dois dias intensos de trabalho.

Na sequência da edição tínhamos que optar em dois tipos de montagem, uma seria mais rápida pensando em um público maior; e a outra mais lenta, pensando num público local mais próximo dos amigos e familiares. Foi decidido buscar um meio termo, já que era de meu objetivo enviar o filme para ser apresentado em festivais.

Satisfeito com a edição das imagens, embora faltasse o tratamento de cor e a edição do som com trilha sonora, segui para Poços de Caldas para finalizar e exibir aos envolvidos.

## 2. A Aproximação do filme com as características do cinema de borda.

No percurso da matéria História e Estética 2, no curso de cinema, participei de um seminário falando sobre o “Cinema de Borda”, até então desconhecido para mim e para a maioria da classe, como o próprio nome já diz, feita nas bordas, termo criado por Bernadet Lyra, que o resume como.

“O cinema de bordas é produzido por realizadores autodidatas, moradores de cidades pequenas ou de arredores das grandes capitais. Os filmes periféricos tem um público específico e apresentam características alternativas

que estão voltadas para o entretenimento. Esses filmes são produtos adaptados as regiões, ao modo de vida e ao imaginário popular e massivo das comunidades envolvidas no processo de sua produção.” Lyra, 2013

O curta metragem *O homem que não tinha Facebook*, surgiu da necessidade de colocar em prática meus conhecimentos cinematográficos e o trabalho de conclusão de curso, somado a oportunidade de encontrar uma equipe disposta a abraçar o desafio.

Os entraves encontrados no princípio da concepção do roteiro e a edição, foram realizados por mim e contaram com colaboradores não profissionais dispostos a aprender na prática os mecanismos cinematográficos. Conforme Lyra (2019) “tais filmes podem configurar um tipo de cinema “comunitário”, um gênero híbrido ou transicional, a meio caminho entre a esfera doméstica e a esfera pública”.

Ao longo das gravações, as dificuldades em coincidir horários, disposição do elenco e locomoção da equipe causou alguns imprevistos e desistências, o que levou a troca de figurantes, adiamento de filmagens e atrasos no cronograma.

Exercendo as funções de roteirista, diretor, produtor e outras mais, observou-se o nível de capacitação que se tem que compartilhar, destacando uma das características do *cinema de borda* por CANEPA e SUPPIA (2013),

“esses cineastas compartilham alguns procedimentos no que se refere aos modos de produção. Eles são, por exemplo, quase sempre também roteiristas e produtores de seus filmes. Usam majoritariamente recursos financeiros próprios, realizando filmes muito baratos e com tecnologia de vídeo caseiro. Esses realizadores também buscam colaboradores entre parentes e amigos, fazendo suas gravações em locações reais e com o mínimo de interferências (muitas vezes em suas próprias casas ou em locais públicos como praça, ruas e escolas).”

Ao analisar o conjunto do meu trabalho e apoiando-me nas leituras complementares que realizei, pude observar que ao completá-lo, suas características o levavam ao cinema de borda, sem ter esse objetivo.

## 8.Considerações finais

Frente ao que foi delineado, na exposição de toda uma trajetória de realização de um projeto de filmagem e sua explanação neste trabalho de conclusão de curso, acredito que eu possa vir a contribuir para que novos olhares sejam direcionados às questões de produções audiovisuais partindo de minhas colocações.

No longo trajeto do curso de Cinema e Audiovisual realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, com dificuldades e conquistas, trago a certeza de uma aprendizagem sem precedentes. As oportunidades que me foram oferecidas sempre contribuíram com o meu crescimento como um futuro profissional de carreira e pessoa disseminadora do saber.

Fatos importantes marcaram minha trajetória enquanto estudante — considerando a minha origem do interior, filho de pedreiro e de professora, estudante de escola pública. A oportunidade de fazer um curso superior e conhecer outro contexto e realidade além do meu entorno foi muito importante. O desafio de morar longe da casa paterna, resolver problemas do dia-a-dia e sair de situações que muitas vezes pareciam irreversíveis, foi desafiador.

Portanto, pode devolver meu conhecimento à todas as pessoas da minha comunidade, me dá uma ideia de dever cumprido, mas o longo percurso de aprendizagem que nunca finda se avista no trajeto de minha vida.

Sigo agora no aperfeiçoamento e o desejo de me profissionalizar no trabalho com som direto. E ainda pretendo gravar esse filme novamente e cada vez mais envolver a minha comunidade e continuar trabalhando em prol dela, assim, aprendendo e ensinando a arte de fazer cinema.

Esse filme foi realizado como parte da disciplina ART314 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Bacharelado em Cinema e Audiovisual/UFJF

Orientação: Prof. Sérgio Puccini.

## 9.Referências

BORDWEEL, D. **O Cinema Clássico Hollywoodiano: normas e princípios narrativos**. In Ramos, Fernão Pessoa (org) – Teoria Contemporânea de Cinema. . Vol II- 2005.



LYRA, B. **Cinema periférico de bordas**. In Revista Comunicação, Mídia e Consumo. Vol 6, n. 15, p. 31-47. São Paulo. Mar. 2008.

CANEPA. L. SUPPIA, A. **Perspectiva Sobre o Cinema Amador de Ficção no Brasil: o caso das "bordas"**. Revista Digital LAICA-USP. Vol. 2, N. 4. Dez- 2013.

10 - Referências a obras audiovisuais e pesquisa.

Cidade de Deus

Direção: Fernando Meirelles.

Brasil

2002

Estômago

Direção: Marcos Jorge

Brasil

2015

Três homens em conflito

Direção: Sergio Leone

Espanha- Itália – Estados Unidos – Alemanha Ocidental.

1966

Por uns Dólares a mais.

Direção: Sergio Leone

Itália- França – Alemanha Ocidental.

1965

Por um punhado de Dólares.

Direção: Sergio Leone

Itália – Alemanha Ocidental – Espanha.

1964

Um pistoleiro chamado Papaco

Direção: Mário Vaz Filho

Brasil

1986

Sin City

Direção: Robert Rodriguez e Frank Miller

Estados Unidos

2005

Hermes e Renato

MTV Brasil

2005

Amarelo Manga

Direção: Cláudio Assis

Brasil

2002

Febre do Rato

Direção: Cláudio Assis

Brasil

2012

O homem que não tinha Facebook

Direção : Michel Sagaz

Brasil

2019

11 – ANEXOS

11.1 – ROTEIRO LITERÁRIO

# O Homem que não tinha Facebook.

Roteiro

Michel Sagaz

Terceiro tratamento.

**1- INT - BAR - DIA**

Fade in - Um HOMEM VELHO sentado, de chapéu e com um violão nos braços encara a câmera. Ele acende o um cigarro e começa a tocar uma música. A Câmera vai se distanciando.

MONTAGEM PARALELA

**2- EXT. ESTRADA - DIA**

Agora surge uma estrada de terra com paisagem de clima seco, montanhas ao fundo. No horizonte surge a silhueta de um HOMEM, enquanto isso ouvimos a música que o HOMEM VELHO toca no bar. O homem que surge no horizonte caminha em direção a cidade, close nos seus pés. Ainda não o identificamos.

Ele encontra uma placa de madeira bem velha, escrita: Vulcão City com uma seta para a direita, e Greem Cabo com uma seta para a esquerda, ele vira à direita (hora de decisão, a música faz uma pausa).

Ele chega na cidade. Agora ele caminha no asfalto em direção aos prédios.

**3 - INT. BAR- DIA**

O Velho continua tocando a música, o plano vai se abrindo e vemos que ele está em um bar, cheio de pessoas bebendo, fumando e conversando. O som das conversas vai entrando e se mistura com a música, criando uma sensação de confusão.

**4 - INT. BAR - DIA**

O HOMEM entra dentro do bar, no mesmo momento que a música para. Agora podemos ver o seu rosto, mas ainda é um ser misterioso. Ele entra lentamente encarando todos os outros que estão no recinto. Senta no balcão e pede uma pinga. Continua encarando todo mundo. O dono do bar pega o copo, coloca a pinga e já pede o dinheiro, apenas com gestos. O HOMEM tira dois reais do bolso e coloca no balcão. O

HOMEM pega o copo e encara os outros novamente. Com gestos ele oferece para alguns homens que estão ao seu redor.

O HOMEM.

Quem bebe pinga não é homem.

Os homens do bar não dizem nada, mas começam a mudar a expressão.

O HOMEM.

É super-homem.

O personagem quebra o gelo, a turma vibra. Algum dos homens dão risadas e simpatizam com o HOMEM. Então o HOMEM vira o copo de pinga e a coloca o copo no balcão. Ao colocar o copo no balcão o título do filme aparece

Cartela. Nome do filme e o dos personagens principais.

## **5 - INT. BAR - DIA**

### **Cortes rápidos.**

Agora o HOMEM está sentado na mesa e ao seu redor está alguns homens, eles conversam e dão risadas altas, e cada um conta um caso. O carisma do HOMEM causa admiração em uns, mas incomoda outros.

Ele aposta em um jogo de sinuca.

Ele dança de um jeito engraçado.

Ele bebe mais.

Ele dá risada.

Ele conversa com as mulheres.

## **6 - EXT. PORTA DO BAR - NOITE**

O homem sai do bar após uma noite de loucura. Com algum dinheiro que ganhou em apostas.

De repente um grupo de homens se aproxima e lhe dá uma grande e humilhante surra. Ele fica na sarjeta todo machucado e acaba dormindo.

Vilões.

Qual é caipira.

Tá achando que aqui é lugar pra você?

Vaza seu merda. Você vai morrer.

Tela preta.

#### **7 - EXT. RUA - DIA**

O Cowboy de repente é acordado por uma mulher. Essa mulher é uma cigana, com um lenço na cabeça. Um brinco chamativo, roupa colorida.

CIGANA.

Hey irmão, o que está acontecendo?  
você quer morrer? Você precisa se cuidar.

Cowboy.

Então é que eu acabei de chegar na  
Cidade. Estou procurando uma oportunidade.  
Só que bebi um pouco a mais do que eu costumo.

Cigana.

Irmão, então trate de se recompor,  
Por que aqui o filho chora e a mãe não vê.

Vamos para minha casa, lá eu vou te dar

Comida e roupa limpa.

**08 - EXT. RUA-DIA -**

Cenas de transição.

Eles caminham até o acampamento, no trajeto vemos prédios, carros, tudo que uma cidade grande tem. Ao passar em um grande prédio uma gangue de adolescentes passam empinando suas bicicletas. Eles sobem um escadão.

Cowboy

Tá louco em, eita lugar longe.

Acabei de chega na VulcãoCity

Parece que eu já estou voltando embora.

Cigana

Há, para de reclama rapaz

Você veio de tão longe, está reclamando

de anda um cadim, deixa de ser chato.

Não estamos nem na metade do caminho.

Transição - anoitecendo.

**09 - EXT. ACAMPAMENTO CIGANO-DIA**

Ao chegar no acampamento da cigana, logo na entrada aparecem cavalos, carros estacionados e a barraca ao fundo. Algumas crianças brincam e vêm ao seu encontro.

**10 - INT. BARRACA - NOITE**

Ao chegar na barraca da cigana. Ela o ajuda, dando roupa novas e comida. Depois começa a ler a mão dele, fazendo uma cara de mistério.



**11 - EXT. EM VOLTA DA FOGUEIRA - NOITE**

Um cigano está sentado e toca um violão enquanto uma cigana está dançando. O cowboy está ao lado, todos em volta da fogueira. Eles todos em silêncio, escutando a música. O Cigano interrompe a música.

CIGANO Mozart

E ai, Cowboy?

Qué tomá alguma coisa?

Tem café e pinga, qual você quer?

COWBOY

Eu quero é pinga memo!!!

Ele toma a pinga e a música continua. Ele observa a fogueira, e a Cigana se aproxima.

CIGANA

Vem comigo, preciso te apresenta a uma pessoa.

O Cowboy balança a cabeça e acompanha a cigana até outra barraca.

**Plano sequência.**

Ao caminhar até a barraca a música do violeiro vai de distanciando e começamos a ouvir outra música agora o som de uma sanfona.

**12 - INT. BARRACA DO CIGANO- NOITE**

Ao entrar na barraca, vemos um cigano na porta com uma arma (Jonas) e um outro tocando sanfona. A Cigana entre e fala no ouvido do Cigano, o cowboy entra atrás. A Cigana se retira.

CIGANO

Senta aí, você que é o Cowboy?  
Que tipo de Cowboy é você que não tem cavalo?

Cowboy.

Meu amigo, eu vim para ganha Cavalos.

Cigano

É meu compadre, pode volta embora  
Morar na Vulcão é só pros fortes.  
Nada vai ser fácil pra você aqui.  
O melhor que você pode fazer é da meia volta e  
"vaza" daqui, antes que você morra.  
Estou te dando o papo reto.

Cowboy.

Você acha que eu tenho medo disso aqui.  
De onde eu vim é pior.  
Estou precisando de um serviço, vim pra fazer um pé  
. de meia,  
Qualquer tipo de trampo eu tô aceitando.  
Eu quero dinheiro e poder!

CIGANO

Você tem coragem?  
Agora que você está na Vulcãoocity você  
precisa saber de algumas regras.  
Você tem coragem?  
Aqui tudo é dinheiro.  
Tudo se resolve no dinheiro ou na bala.  
Você tem arma de fogo?

Cowboy

Não tenho Cavalo.  
Não tenho dinheiro.

Não tenho arma. Mas tenho muita  
coragem para conseguir isso tudo.

E vim aqui para isso.

Cigano  
Primeira regra então Cowboy.

Fique longe do gás.

Cowboy  
Mas que porra essa?

CIGANO

Uma substância química que deixa as pessoas  
zumbis, vagando pelas ruas, atrás de dinheiro.

Você tem coragem?

Tem outras regras.

E saiba, aqui na cidade não tá fácil.

Desemprego, violência, fome, caos.

Vou te levar em um lugar que você pode se dar bem

Você tem coragem?

Cowboy  
Para de me enrola companheiro.  
Me leva logo nesse lugar.  
Eu quero dinheiro, poder !!!  
Todo mundo me fala da Vulcãocity,  
quero ver o que tem nessa  
cidade de tão bom assim.

CIGANO

Beleza. Pousa aqui então, fica ai com os Hermanos.

Vamos beber e cantar, descansar.

Amanhã eu vou te levar então.

Você já jogou?

Cowboy

Sim

CIGANO

Você tem sorte?

Cowboy

No amor não, mas no jogo sim.

CIGANO

Então vamos beber!!!!

O Cigano começa a tocar sua sanfona,  
o outro cigano pega a pinga e serve o cowboy.

Eles começam a dançar e a cantar.

TELA PRETA

### **13- EXT. MATRIZ.DIA**

No outro dia, o Cigano e o cowboy estão de frente para a matriz. Ons monte de pombos voam e nisso aparece um velho sentado em um dos bancos, bem apaisana. O cigano sozinho se aproxima.

CIGANO

Lindo dia para dar milhos aos pombos,  
e pra ganhar dinheiro.

VELHO

Heheheheh, oras. Todo dia é bom  
Para ganhar dinheiro, não é ?

CIGANO.

Sim, mas onde é o lugar bom pra ganha dinheiro.

Onde que está a ferradura de ouro?

VELHO

É meu amigo, hoje a ferradura está  
no Santa Augusta.

O Cigano se levante e junto com o Cowboy eles vão embora.

Da matriz a câmera corta para a rua, logo em seguida mostra eles subindo o morro do Santa Augusta. Caminhando e conversando, mostrando lugares da Vulcãocity.

#### **14 - INT. CASA DE APOSTAS. DIA**

Cigano e Cowboy chegam em uma casa (ESTÚDIO RODRIGO LOPES) Falam uma senha e entram. Dentro do recinto, aparecem pessoas de vários estilos, fazendo todo tipo de aposta e o lugar cheio. O Cigano se aproxima de uma mesa onde está um Japonesa, um Malandro, um praieiro, e outros. Eles encaram o Cowboy. O cigano chega e senta.

MALANDRO

Você joga pôquer?

Cowboy

Não, só truco,

e sinuca.

MALANDRO

Então VAZA.

O cowboy não dá a mínima e vai para outra sala, onde os ninjas estão jogando sinuca. O cowboy chega, pega um taco e fica observando e fumando um cigarro de palha.

**15 - INT - SALA DE SINUCA - Noite**

Enquanto os ninjas jogam, chega três sujeitos.

O primeiro entra na sala de pôquer e o outro na sala de sinuca, e o terceiro faz a escolta com uma escopeta na mão.

DigDJOW

Só tem amadores aqui. Todos fracos  
Hoje eu quero ganha dinheiro e me divertir.  
Quem tá afim de leva uma coça hoje?  
Hum, tô vendo que tem gente nova no pedaço.  
Pelo fedo deve ter vindo da roça né. E essa botina aí, vai pro  
rodeio?

COWBOY

Vai ficar falando aí ou vai jogá.  
Eu topo o desafio, seu merda  
aqui não vai da tempo de você pensá.  
Negócio aqui é bruto,

DigDJOW

Tu fala muito rapaz.  
Bora começa isso, para de enche o saco.

Cowboy

Então vamos, hoje eu quero fica rico.

DigDJOW

Rico? Acho difícil viu  
Cadê a escritura da casa?

Vai perde até as cuecas hoje.

Cowboy

Pode começa então. Os ninjas ficam em silêncio só observando e analisando a discussão e o jogo dos dois.

#### **16 - INT - Sala de Poker - Noite**

O Cigano está sentado na mesa, um dos irmãos senta também e começa uma nova rodada do jogo. O Cigano só conhece alguns ali, mas um dos irmãos, percebemos que não é bem-vindo. Ele começa a debochar das mulheres que estão na mesa, e a tratar mal os funcionários da casa de aposta.

Cocão.

Jogadores fracos.

Só fazem apostas pequenas. E ainda

Trazem essas mulheres pra jogar.

Foi-se o tempo que essa casa de aposta

Era bom pra ganhar dinheiro.

Agora é só os fudidos.

Cigano.

O rapaz, para de lenga lenga.

Vai jogar? Vai aposta quanto?

Aqui nos não precisa joga conversa fora.

É chega, joga e sair fora.

Cocão

Eu aposto tudo que vocês tem.

Se eu quiser eu compro essa casa de aposta, vamos jogar.

A japonesa distribui as cartas e começa o jogo, todos fazem suas apostas. Jogando alto. E o jogo começa a esquentar.

**17- INT - SALA DE SINUCA - NOITE**

Enquanto isso o jogo entre o Cowboy e o DigDjow tá pegando fogo, uma multidão de gente se junta para ver o grande Jogo. O DigDjow é bom e todos tem medo dele, por ele controlar todo o tráfico de drogas na cidade, O Cowboy também é bom, e ninguém o conhece, mas seu carisma faz com quem todos acabam torcendo ao seu favor.

Ele é debochado, mata uma bola, mata outra, faz uma dança, começa a cantar, faz careta. Olha pra cara do DigDjow, o resto do pessoal começa a dar risada, o jogo fica tenso, mas o Cowboy só está divertindo e não mostra medo.

**18 - INT - SALA DE POKER - NOITE**

Todos os jogadores se encaram, e uma nova rodada começa. A japonesa dobra a aposta, Cocão duvida, se enfurece e começa a gritar.

Cocão

Eu duvido.

Não era pra você estar aqui.

Japonesa.

Vaza daqui, seu fascista do caralho. Esse jogo não aceita perdedor chorão.

O clima fica tenso, os jogadores ficam em silêncio, e a japonesa continua xingando e saca uma arma aponta para Cocão, continua xingando e se levanta.

Japonesa.

Vaza daqui seu escroto.

Cocão

Cala essa boca



Aqui eu tenho pra troca.

Eu que mando nessa cidade, porra.

Todos eles se levantam, em seguida o cigano e o malandro, sacam das armas também e aponta para o Cocão. Eles disparam

Cocão dá um grita e atira também.

#### **19 - INT - SALA DE SINUCA. NOITE**

Música mais acelerada, momento da pancadaria.

O Caos começa. Capangas dos fascistas começam a atirar no cowboy. Lá de dentro da outra sala o cigano chega atirando, mesas caem. Garrafas caem no chão, alguns saem na mão.

Os ninjas compram a briga do cowboy, e começam a brigar contra os capangas dos vilões. Cenas com cortes rápidos, inspirados em filme do Jack Chan.

Em meio a essa confusão, um dos ninjas pegam o cowboy e salvam o do tiro cruzado.

A tela escurece.

O cowboy e o cigano foram o estopim de uma guerra que estava pra começar, entre os fascistas quem controlam a cidade e os outros que são o poder paralelo.

#### **20 - Ext - Templo dos ninjas - Dia**

Os ninjas levam o cowboy para o templo, onde estão mais ninjas da gangue, eles vão falar com o líder.

Ninja Líder

Fala ai cowboy,

vc é encrenqueiro em.

Cowboy.

Uai, eu só quero ganha dinheiro.

Ninja Líder

Dinheiro né.

Só que você conseguiu, foi guerra

Se liga nas mensagens.

O Ninja líder mostra através de um celular, mensagens enviadas pelos inimigos, declarando a guerra.

#### **21- INT - QG Os+Farsos - Dia**

DigDjow e Cocão chegam no seu QG, com sangue na roupa e muita raiva, derrubando alguns objetos da mesa. Encontra outras integrantes da gangue e explicam o que aconteceu, mandam mensagens para todos da cidade, declarando a guerra.

#### **22 - EXT - Acampamento - Dia**

Agora o Cowboy volta para o acampamento dos Ciganos. Chegando lá eles estão desfazendo as barracas e começando a partir. De longe o Cowboy vê a Cigana, e vai de encontra a ela.

Cowboy

Cadê o Cigano?

Cigana

Ele está longe.

Foi buscar armamento e aliados.

Você sabe que a guerra vai começa.

Cowboy

To sabendo.

Vamos cair pra dentro.

Cigana.

Por enquanto não, querido.

O Cigano mandou te entregar isso.

Ela lhe entrega um envelope, onde está escrito, um nome e a missão de ir para Green Cabo e iniciar um treinamento.

O Cowboy olha para Cigana com um ar de desanimo, mas dá um sorriso com o canto da boca.

Cigana

Tem mais uma coisa pra você.

A Cigana vai ao fundo do pasto e trás um cavalo, presente do Cigano.

Cigana

Agora você não mais anda a pé

Boa sorte lá em Green Cabo.

Nos vemos em breve.

O cowboy pega o cavalo e caminha em direção a Green Cabo. O filme acaba com ele caminhando na estrada, da mesma forma que começou.

FIM DA PRIMEIRA PARTE....

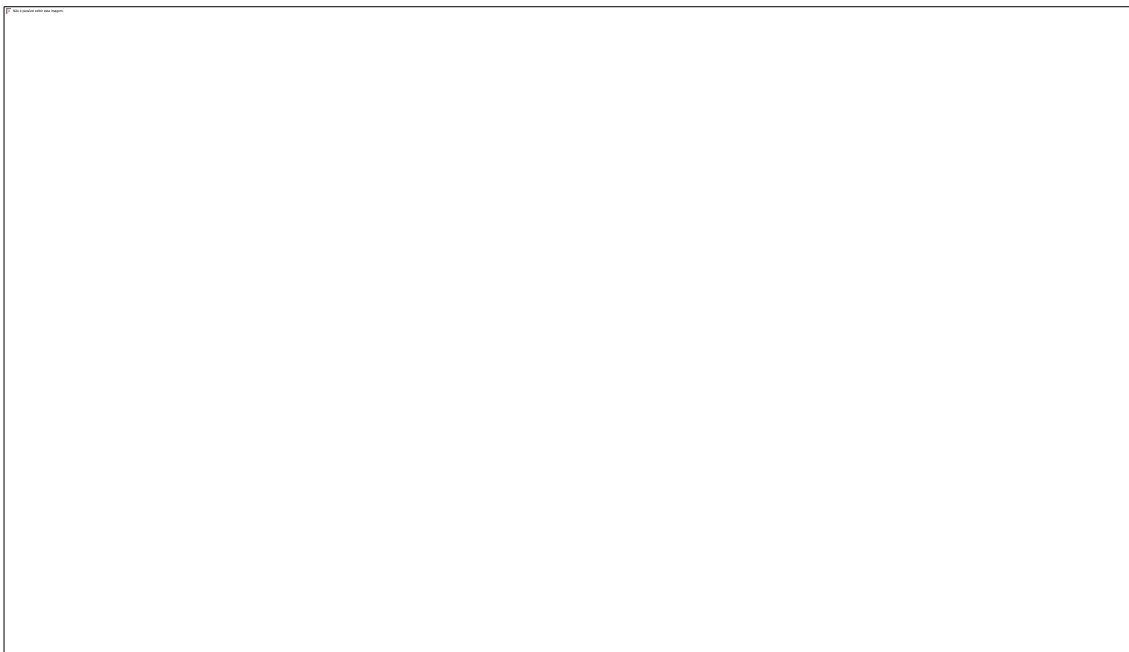


FIGURA. 6 – Still “O HOMEM QUE NÃO TINHA FACEBOOK”